Globethics Repository



Ética da comunicação e Direitos Humanos [Ethics of Communication and Human Rights]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Wolfart, Graziela
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-19 05:08:26
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/160692

engenharia e se liga com as 'interfaces', com os 'nós' das interações (...) com a comunicação intermediada. A linguagem é cada vez mais intermedial e, por isso, o estudo tem que ser claramente interdisciplinar. (...) Acreditávamos que existia uma identidade da comunicação, que se dava nos meios e, hoje, não se dá nos meios. Então, onde ocorre? Na interação que possibilita a interface de todos os sentidos, portanto, é uma intermedialidade, um conceito para pensar a hibridação das linguagens e dos meios. (...) Cada vez mais o rádio é menos somente o rádio; o rádio hoje oferece programas que são blogs (...) os gêneros estão sendo reinventados à luz da televisão com a Internet. Ou seja, estamos ante uma interação que desestabiliza os discursos próprios de cada meio (...)".

Uma vez que, durante o Mutirão, nos faremos acompanhar de autores e ideias, peço aos participantes que recebam estas reflexões de Jesús Martín-Barbero, e meditem sobre a contribuição que elas podem dar para se entender o fenômeno complexo que ele chama de um "ecossistema comunicacional". Ou seja: "agora vivemos também em um entorno" comunicativo; este entorno técnico-comunicativo com suas linguagens, escrituras e gramáticas. E assim a concepção de comunicação vai se tornando muito mais capaz, "epistemologicamente", de dar conta do que ocorre na vida social, com as tecnologias da comunicação, transformando-se de um instrumento pontual em um ecossistema cultural. Assim, podemos dar um passo a mais para compreender a ambiência que nos constitui.

Baú da IHU On-Line

>> Antonio Fausto Neto já concedeu outras entrevistas à **IHU On-Line**. Elas estão disponíveis na nossa página eletrônica (www.ihu.unisinos.br)

* *As relações entre mídia e política no espaço público contemporâneo*, publicada na **IHU On-Line** nº 202, de 30-10-2006, disponível no link http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=116&id_edicao=221

* *"A midiatização produz mais incompletudes do que as completudes pretendidas, e é bom que seja assim"*, publicada na **IHU On-Line** número 289, de 13-04-2009, disponível no link http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1560

Ética da comunicação e Direitos Humanos

A conciliação entre verdade, liberdade e justiça é certamente uma espécie de utopia, como são todos os ideais éticos enquanto ela se refere a sua plena realização, defende o Pe. Gabriel Montoya

Por Graziela Wolfart e Márcia Junges | Tradução Benno Dischinger

"A globalização - que, como fenômeno socioeconômico, conduz, em si mesma, a mundialização da cultura e que veio marcando o nascente século como uma de suas principais características – e o auge da 'pós-modernidade' são fatores que incidem notavelmente na relação entre a ética e a comunicação". A opinião é do padre jesuíta e professor Gabriel Montoya, na entrevista que concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**. Ele entende que "os meios não atuam independentemente de muitas outras mediações que entram em jogo para configurar a consciência e as pautas de conduta das pessoas. Eles constituem um dos agentes de socialização – ou seja, de assimilação de valores e motivações sociais – junto com a família, a educação escolar e as relações interpessoais. Não se deve minimizar sua influência na conduta, mas tampouco é preciso satanizá-la ou absolutizá-la. O que se deve fazer é conjugar, nos processos de formação da pessoa, um uso consciente dos meios de comunicação que seja coerente com a educação em valores que correspondam ao reconhecimento da dignidade e dos direitos de todos".

Gabriel Montoya é vice-reitor da Pontifícia Universidad Javeriana, de Cali, na Colômbia. Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidad Javeriana, de Bogotá, Colômbia, obteve, pela mesma universidade, o mestrado em Teologia, a licenciatura em Teologia e a licenciatura em Filosofia e Letras. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como é possível conciliar verdade, liberdade e justiça no contexto da comunicação latino-americana?

Gabriel Montoya - A conciliação entre verdade, liberdade e justiça é certamente uma espécie de utopia, como são todos os ideais éticos enquanto ela se refere a sua plena realização. No entanto, uma utopia pode ser considerada como um desafio para, pelo menos, tentar a realização do possível, atrevendo-se a propor o que à primeira vista parece impossível. Neste sentido, a busca da verdade, que não é posse de ninguém, senão o objetivo de uma constante prática do diálogo a partir da confrontação racional dos dissensos, só é possível mediante o efetivo reconhecimento do direito de toda a pessoa à liberdade de expressar-se, comunicando suas ideias e sentimentos. E o exercício deste direito através do acesso aos meios de comunicação e da participação ativa no discurso público em termos de equidade é precisamente o que corresponde à justiça entendida como tal reconhecimento, sem imposições dogmatistas, sem discriminações nem exclusões.

IHU On-Line - Quais são as principais dificuldades de se fazer e pensar comunicação hoje, dada a realidade do nosso continente?

Gabriel Montoya - As dificuldades são múltiplas e, justamente, por isso, a realização da ética da comunicação constitui um desafio. Assinalo, a seguir, as dificuldades que me parecem mais significativas:

- Em primeiro lugar, a não-equidade nas oportunidades e possibilidades de acesso por parte das maiorias despossuídas e das minorias excluídas, ao discurso público mediante a participação na discussão dos problemas e na busca conjunta, através do diálogo, das condições que tornem possível "a vida boa (quer dizer, realizada em termos de adequação à dignidade de toda pessoa), com e para todos, em instituições justas" – como define Paul Ricoeur[1] o que ele chama o objetivo da "intencionalidade ética". Tal iniquidade – ou não-equidade - faz parte da realidade da pobreza em nosso continente, a qual não é somente de ordem material em termos de acesso aos bens necessários para o sustento, senão também de ordem cultural, no que se refere às oportunidades de exercer os direitos de conhecer, de expressar-se, de discutir e participar ativamente na construção de uma sociedade melhor para todos. Essa pobreza se amplia cada vez mais na medida em que os governos autoritários que pretendem perpetuar-se no poder, - sejam eles do signo político que forem, - e os sistemas econômicos imperantes – tanto os capitalistas neoliberais como os populistas totalitários – desconhecem os direitos que têm as pessoas e os grupos sociais de se expressarem pluralmente e decidirem sobre o seu destino.

> "A busca da verdade não é posse de ninguém, senão o objetivo de uma constante prática do diálogo, a partir da confrontação racional e argumentativa dos dissensos"

- Em segundo lugar, a falta de uma educação em valores que deveria começar desde a família, desenvolvendo-se nas instituições educativas escolares e universitárias e continuar ao longo da vida. A realização da ética – e, como parte desta, da ética da comunicação – supõe e exige uma educação entendida e vivida, como dizia Paulo Freire, como 'prática da liberdade', em termos de uma formação da consciência crítica para o exercício socialmente responsável da autonomia pessoal. Esta educação não é possível quando compactua com a facilitação, com a lei do menor esforço, com o desrespeito ao outro e, especialmente, com quem se encontra em condições de vulnerabilidade, mas também com o incentivo do consumismo e das gratificações individualistas imediatas, baseadas na motivação dos comportamentos pelo medo do castigo ou pela expectativa da recompensa, e não por uma ética de princípios e convicções, fundada no reconhecimento da dignidade da pessoa e dos Direitos Humanos.

- E, em terceiro lugar, o auge do espetacularismo midiático, que veio incrementando uma visão maniqueísta do mundo concebido como campo de batalha entre os bons e os maus, no qual a única solução proposta é a aniquilação dos que são considerados como "maus" pelos que se consideram a si mesmos no campo contrário. Neste sentido, não com pouca freqüência, os meios massivos, especialmente no âmbito da televisão e dos videogames, converteram-se em caixas de ressonância e em instrumentos de promoção da violência como única via de solução dos problemas humanos.

IHU On-Line - Qual é sua percepção quanto à ética (ou a sua falta) na comunicação do século XXI?

Gabriel Montoya - A globalização - que, como fenômeno socioeconômico, conduz, em si mesma, a mundialização da cultura e que veio marcando o nascente século como uma de suas principais características – e o auge da "pós-modernidade" são fatores que incidem notavelmente na relação entre a ética e a comunicação. Por uma parte, no aspecto positivo desta realidade, tanto a consciência da globalização como a mentalidade pós-moderna vieram contribuindo para uma visão mais plural e aberta do mundo, no sentido de reconhecer o direito à diversidade nos distintos âmbitos das crenças, das ideologias e das opções de vida, o que, por sua vez, implica o exercício da tolerância em termos de respeito ao "outro" e aos "outros". Por outra, a face negativa da globalização e da pós-modernidade poderia se resumir na ausência de uma visão do futuro que transcenda as satisfações imediatas oferecidas pela sociedade de consumo, com a consequente negação de compromissos permanentes, pois o que agora predomina é o transitório das pequenas e efêmeras histórias sobre o duradouro da História – com maiúscula -, que se constrói a partir de projetos de longo alcance.

IHU On-Line - Considera os meios de comunicação e, sobretudo a Internet, como uma espécie de nova ágora? Por quê?

Gabriel Montoya - Em minha opinião, os meios de comunicação massiva, e, com significação especial, a Internet, não só são uma nova "ágora" ou âmbito público no qual se debatem democraticamente as ideias, como um novo "areópago" – como o chamou o Papa João Paulo II, evocando o discurso do apóstolo são Paulo na colina onde se reuniam os legisladores de Atenas e que formava parte da ágora. Tanto na ágora como no areópago,

1 **Paul Ricoeur** (1913-2005): filósofo francês. Sobre ele, conferir um artigo intitulado *Imaginar a paz ou sonhá-la?*, publicado na **IHU On-Line** 49ª edição, de 24-02-2003, disponível para download em http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1161289883.57pdf.pdf e uma entrevista na 50ª edição, de 10-03-2003, disponível para download em http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1161289805.13pdf.pdf. A edição 142, de 23-05-2005, publicou a editoria Memória sobre Ricoeur, em função de seu falecimento. Confira o material em http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158266847.13pdf.pdf (Nota da **IHU On-Line**)

ofereciam-se distintas propostas nos diversos âmbitos da vida humana e, neste sentido, especialmente a Internet é o espaço que hoje podemos reconhecer como a ágora ou o areópago de maiores dimensões e possibilidades de interação jamais antes conhecidas. Pois bem, no que isto significa e implica para uma ética cristã da comunicação é, no contexto do mencionado discurso de são Paulo, a exigência de apresentar honestamente o valor desconhecido de uma nova visão do ser humano e do mundo, baseada no reconhecimento de sua dignidade e de seus direitos, em meio a tantos antivalores que o desumanizam, escravizando-o. A meu juízo, tal é o sentido da boa notícia de Jesus, do "Deus desconhecido" à qual se referiu naquela ocasião o apóstolo.

IHU On-Line - Neste aspecto, como compreende a junção jornalismo e filosofia, que tem se mostrado bastante profícua nos últimos anos em publicações especializadas?
Gabriel Montoya - O jornalismo é uma das modalidades da comunicação social que pode dar-se, e de fato se dá, em distintos meios de expressão, tais como a imprensa e os demais meios impressos, a rádio, a televisão e, mais contemporaneamente, a Internet, e cuja finalidade é oferecer periodicamente informação sobre os acontecimentos cotidianos e promover opinião acerca do que tais acontecimentos podem suscitar nas pessoas, num contexto democrático de livre difusão e discussão das ideias. E é precisamente este contexto que corresponde ao surgimento e ao desenvolvimento da filosofia no Ocidente desde quando a retórica e a dialética se encontraram com o objetivo de buscar conjuntamente a verdade através do diálogo. Hoje é particularmente significativa a conjunção entre comunicação e filosofia, especialmente, a partir da teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas e de suas implicações a respeito de uma "ética do diálogo", junto com o estabelecimento pós-moderno de uma ética da interpretação na chamada "sociedade transparente" da informação por parte de Gianni Vattimo, como também com a proposta de Ricoeur que integra as éticas do diálogo e da interpretação mediante uma ética do reconhecimento do outro em sua realidade pessoal como interlocutor válido, com o qual é possível o "milagre" da comunicação quando o indivíduo transcende o encerramento em si mesmo.

IHU On-Line - Pensando numa perspectiva dialógica, como a mídia pode oferecer subsídios à sociedade contemporânea para compreender e agir quanto à incerteza que caracteriza a pós-modernidade?
Gabriel Montoya - Os meios podem ser, neste sentido - tendo em conta todo o anteriormente colocado -, um espaço de discussão e confrontação argumentativa, bem como de encontro mediante a narração ou o relato das distintas histórias pessoais e coletivas e das distintas propostas sociais e culturais, nas quais se destaque a busca conjunta da verdade a partir da liberdade e com intenções de equidade participativa, acima da imposição de pretendidas certezas como certezas inamovíveis com base em posições dogmáticas e intolerantes.

IHU On-Line - Que dispositivos sociais o senhor apontaria como principais críticos da mídia?
Gabriel Montoya - Em primeiro lugar, a autorregulação ética dos mesmos meios a partir de uma intencionalidade de responsabilidade social conjugada com a abertura à participação crítica e propositiva do "público". Neste sentido, é preciso revisar e repropor o papel do defensor do leitor, do radio-ouvinte ou televidente (tradicionalmente chamado "ombudsman"), de modo que ele seja exercido muito mais em termos de participação dos usuários desses meios. No âmbito da Internet, isso é muito mais complicado, porém, teriam que ser inventadas formas de crítica construtiva através do mesmo meio, em torno aos usos antiéticos da rede.

- Em segundo lugar, a que é chamada em inglês "media education" e que corresponde ao que entre nós se pode designar como "educação para o uso dos meios de comunicação" e que deveria ser um elemento imprescindível nos programas informativos da educação pré-escolar e escolar, de modo que, ao longo de toda a sua formação básica, as crianças e os adolescentes aprendessem a realizar uma leitura crítica das mensagens que lhes chegam através dos distintos meios e também a usá-los produtiva e criativamente em coerência com os valores éticos próprios do reconhecimento da dignidade e dos Direitos Humanos de todas as pessoas.

- E, finalmente, a organização dos usuários dos meios com o fim de exigir políticas de comunicação concordes com a dignidade e com os Direitos Humanos de todas as pessoas, não no sentido das "ligas de censura", e sim no de uma autêntica democracia participativa que dê lugar à discussão sobre os conteúdos e o tratamento das mensagens nos distintos meios de comunicação.

IHU On-Line - O advento da Internet sacramentou a mídia com o quarto poder? Por quê?
Gabriel Montoya - A teoria que considera os meios como "quarto poder" – distinto dos poderes legislativo, executivo e judiciário, - costuma ser proposto em termos de se considerar os meios como onipotentes e determinantes do comportamento das pessoas. Não creio que isso seja assim. Os meios não atuam independentemente de muitas outras mediações que entram em jogo para configurar a consciência e as pautas de conduta das pessoas. Eles constituem um dos agentes de socialização – ou seja, de assimilação de valores e motivações sociais – junto com a família, a educação escolar e as relações interpessoais. Não se deve minimizar sua influência na conduta, mas tampouco é preciso satanizá-la ou absolutizá-la. O que se deve fazer é conjugar, nos processos de formação da pessoa, um uso consciente dos meios de comunicação que seja coerente com a educação em valores que correspondam ao reconhecimento da dignidade e dos direitos de todos.